

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

FERNANDA SANTOS LOBATO

**Infância deslocada: a ressignificação do brincar e das redes de saberes no
Reassentamento Urbano Coletivo Laranjeiras, no município de Altamira -PA**

Altamira-PA
2025

FERNANDA SANTOS LOBATO

Infância deslocada: a ressignificação do brincar e das redes de saberes no Reassentamento Urbano Coletivo Laranjeiras, no município de Altamira -PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação, Universidade Federal do Pará/Campus de Altamira como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Léia Gonçalves de Freitas

Altamira, PA
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

S237i Santos Lobato, Fernanda.
Infância deslocada : a resignificação do brincar e das redes de saberes no reassentamento urbano coletivo laranjeiras, no município de Altmira - Pa / Fernanda Santos Lobato, . — 2025.
X, 37 f. : il.

Orientador(a): Profª. Dra. Léia Gonçalves de Freitas Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Educação, Altamira, 2025.

1. Infância. 2. Amazônidas. 3. Reassentamento. 4. Gramáticas sociais . 5. Etnografia. I. Título.

CDD 371

**Infância deslocada: a resignificação do brincar e das redes de saberes no
Reassentamento Urbano Coletivo Laranjeiras, no município de Altamira -
PA**

Elaborado por

FERNANDA SANTOS LOBATO

Como requisito para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia

Apresentado em 03/04/2025

Prof^a Dra. Léia Gonçalves de Freitas (Orientadora)

**Prof^a Dra. Adriana Ramos Silva Pinheiro
(Membro da Banca Examinadora)**

**Prof. Mestranda Suzane Andrade Veloso
(Membro da Banca Examinadora)**

Dedico esse trabalho a minha mãe, no qual sempre trabalhou duro para criar três filhas sozinha. Obrigada mãe, por me lembrar todos os dias que a educação é capaz de transformar vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente por ter me guiado a escolher o meu curso na área da educação. A pedagogia é uma profissão difícil e pouco valorizada, porém, cheia de recompensas imateriais. A alegria de ensinar um aluno a ler e escrever são sentimentos adjacentes a ter ganho um prêmio em dinheiro. O amor de uma criança é o sentimento mais puro e verdadeiro que pude sentir na vida.

Agradeço a minha mãe Lucivone Pereira dos Santos, as minhas irmãs, Ana Cristina dos Santos Lobato e a Fabiana Santos Lobato por terem me apoiado em todos esses anos de graduação, em especial aos meus sobrinhos que são minhas maiores bênçãos, amo vocês.

Agradeço imensamente a minha Professora e orientadora Dra. Léia Gonçalves de Freitas por ter me inserido em um projeto tão rico e bonito como o das Gramáticas Sociais.

Agradeço a banca pela gentil contribuição de melhoria neste trabalho.

Sou grata por ter tido amigos durante esse processo que me fizeram descansar a mente e o corpo em momentos no qual eu só queria chorar e desistir. Obrigada: Adalberto Nunes, Suzana Dias e Stephani Mafra.

Agradeço por ter conhecido uma pessoa muito especial durante esse processo, que nunca me deixou desacreditar de mim mesma. Obrigada, Ir. Gabriel Pôrto Cesar, você foi luz na minha vida, me fez evoluir intelectualmente e espiritualmente. Uma pessoa enviada por Deus no qual sempre lembrarei com muito carinho.

LISTA DE SIGLAS

RUC - Reassentamento Urbano Coletivo

UHEBM - Usina Hidrelétrica de Belo Monte

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Oficina Brincante, bom ou ruim.....	18
Figura 2 – Atividades de pintura.....	20
Figura 3 – Confeção de brinquedos	21
Figura 4 – Visita Igarapé	22
Figura 5 – Brincadeira Stop, cair no poço e passa o anel.....	25
Figura 6 – Brincadeira pé de galinha	26
Figura 7 – Brincadeira pintura com a mãos	27
Figura 8 – Brincadeira “bafão”, Piquenique.....	28
Figura 9 – Brincadeira telefone sem fio	29
Figura 10 – Visita laboratório UFPA	29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Oficinas brincantes 2022	16
Tabela 2 - Oficinas brincantes 2023	24

APRESENTAÇÃO

Este trabalho está estruturado no formato de artigo, de acordo com a Resolução FAE nº 1 de 2017, que regulamenta a elaboração, orientação, defesa e avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos de graduação da Faculdade de Educação, FAE/UFPA e segue as regras de formatação para submissão de manuscritos da Revista Reben - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem, Qualis Capes B1, ISSN 2764-1368.

SUMÁRIO

1 Introdução	13
2 Brincares infantis em territórios de águas: resultados e discussões Erro! Indicador não definido.	
2.1 Percepção das Crianças sobre o RUC	30
2.2 O Brincar e a Cultura Lúdica Infantil	321
2.3 O Igarapé dos Pannels: Memória, Uso e Significados	33
3 Considerações finais	34
Referências	35

Infância deslocada: a resignificação do brincar e das redes de saberes no Reassentamento Urbano Coletivo Laranjeiras, no município de Altamira - PA

Displaced Childhood: The Reinterpretation of Play and Knowledge Networks in the Laranjeiras Collective Urban Resettlement - Altamira, PA

Fernanda Santos Lobato¹

Léia Gonçalves de Freitas²

Submetido:xxxxxx Aprovado: xxxxxx Publicação: xxxxxxxx

RESUMO

A pesquisa objetiva caracterizar as gramáticas sociais das crianças em contextos relacionados às águas, com a perspectiva de reafirmar suas infâncias e redes de saberes e fazeres. Busca-se, assim, que este estudo se constitua como uma fonte de consulta para estudantes de graduação e pós-graduação no território do Xingu, além de fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas voltadas para a infância no campo. O *locus* da pesquisa foi o Reassentamento Urbano Coletivo - RUC Laranjeira, que tem sua localização às margens do Igarapé dos Pannels, Altamira-PA. A discussão desenvolvida no trabalho aborda os impactos causados pela realocação das crianças de suas moradias para os RUC, em virtude da construção da UHE Belo Monte. A metodologia adotada é a pesquisa de campo etnográfica, apoiada em referências bibliográficas específicas. Os resultados apresentados indicaram que: 1) os brincames infantis em territórios de águas foram resignificados-em razão da diversidade das ausências de políticas públicas voltadas à infância remanejadas; 2) as redes de saberes e fazeres ao serem impactadas pelas mudanças gerou novos cenários de desassistência, atendimento e proteção à infância, dentre eles cita-se: espaço apropriados ao lazer e ao brincar, qualidade dos igarapés, pontuado pelas crianças como inapropriados, falta de acesso ao RUC com transportes coletivos, queimadas e qualidade do ar, além de outras situações postas pelas crianças.


Palavras-chave: Gramáticas sociais. Infância. Redes de saberes. Etnografia. Realocação.

ABSTRACT

The research aims to characterize the social grammars of children in contexts related to water, with the perspective of reaffirming their childhoods and networks of knowledge and practices. The goal is for this study to serve as a reference for undergraduate and graduate students in the Xingu region, as well as provide subsidies for the formulation of public policies for rural childhoods. The discussion developed in the study addresses the impacts caused by the relocation of children from their homes to the RUC, due to the construction of the Belo Monte Hydroelectric Power Plant (UHE Belo Monte). The methodology adopted is ethnographic field research, supported by specific bibliographic references. The results presented indicated that: 1) children's play in water territories were resignified due to the diversity of the absences of public policies aimed at childhood relocated; 2) the networks of knowledge and practices, when impacted by the changes, generated new scenarios of lack of assistance, care and protection for children, among them: appropriate spaces for leisure and play, quality of the streams, pointed out by the children as inappropriate, lack of access to the RUC with public transport, fires and air quality, in addition to other situations posed by the children.

Keywords: Social grammars. Childhood. Networks of knowledge. Ethnography. Relocation.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia (2019). Faculdade de Educação, Campus Universitário de Altamira. Pará, Brasil. ✉ fernanda.lobato@altamira.ufpa.br

² Dra. em Educação. Professora efetiva na Faculdade de Educação no Campus Universitário de Altamira ✉ leiafreitas@ufpa.br  Link do Orcid.

Introdução

Este estudo, é um recorte das atividades realizadas durante o ano de 2022 e 2023, vinculado ao Projeto “As Gramáticas Sociais de Crianças e suas Infâncias em Territórios de Águas de Regiões da Amazônia Paraense” projeto financiado pelo edital Universal, chamada MCTI/FNDCT nº 18/2021, registrado e aprovado pelo Comitê de Ética (Parecer Consubstanciado CEP 62014008). Esse projeto objetiva investigar a educação e as redes de saberes culturais de crianças e de adolescentes que frequentam escolas localizadas em territórios de águas de quatro regiões: Xingu, Baixo Tocantins, Caeté e o Marajó, no Pará.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo caracterizar as gramáticas sociais das crianças em contextos das águas na perspectiva de reafirmar suas infâncias e suas redes de saberes fazeres, com o intuito de se materializar como fonte de consulta aos estudantes de graduação e pós-graduação no território do Xingu, constituindo-se como subsídios para políticas públicas para a infância do campo.

Para Alves (2020), olhando para um contexto histórico sobre a infância no campo da Educação, foi possível observar que houve abordagens "adultocêntrica", que se baseavam na voz do adulto para coletar informações sobre práticas culturais, saberes e experiências diárias das crianças. Acreditava-se que elas não possuíam capacidades cognitivas, emocionais e sociais suficientes para refletir e responder sobre comportamentos, percepções, opiniões e saberes de vivência.

Segundo Alves (2020) A tradição científica e acadêmica, consolidada no século XX, tratava a criança como objeto de estudo, especialmente nas áreas da Medicina e Psicologia, estudada na construção de um saber sobre a infância a partir de uma perspectiva isolada. Esse modelo contribuiu para a hegemonização da infância, por concebê-la ora como mero objeto de estudo, ora como foco de intervenções socioeducativas baseadas em padrões científicos. Os pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais foram encarregados de interpretar a criança e sua infância, mas o sujeito criança foi silenciado pois a sua voz não era acreditada nas pesquisas.

Os pesquisadores da infância perceberam que uma das habilidades das crianças é perceber aspectos de sua realidade, distinguir seus sentimentos, expressar suas opiniões sobre assuntos do seu cotidiano que as impactam, dessa forma, esse sentimento é externalizado de maneira espontânea. Isso cria uma contradição, já que, sem dúvida, uma criança é a pessoa mais capacitada para falar sobre si mesma e sobre a sua infância. O protagonismo da criança nas pesquisas foi sendo, aos poucos, reconhecido e legitimado. No entanto, foi somente na última década do século

passado que se viu a importância de a criança compartilhar suas experiências, deixando de ser meros telespectadores de suas vivências.

Dessa forma, o recorte deste estudo focou nas vozes e declarações de crianças reassentadas em uma área periférica do município de Altamira. A infância é uma fase marcada por experiências e interações que contribuem para a construção da identidade e das relações sociais das crianças. No contexto do Reassentamento Urbano Coletivo (RUC) Laranjeira, em Altamira-PA, a infância é vivenciada em um espaço que passou por transformações significativas devido à realocação de famílias impactadas pela construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Diante desse cenário, a presente pesquisa busca compreender: De que forma as crianças reassentadas no RUC Laranjeiras percebem e ressignificam sua infância por meio das brincadeiras e da cultura lúdica?

O interesse por essa pesquisa surgiu da necessidade de compreender como as crianças reassentadas no RUC Laranjeira experienciam a infância e constroem sua cultura lúdica em um novo espaço. Diante das transformações vividas por essas comunidades, é fundamental analisar o papel das brincadeiras e da socialização na ressignificação de seu território e na manutenção de suas identidades culturais. O *locus* da pesquisa foi o Reassentamento Urbano Coletivo - RUC Laranjeira, que tem sua localização às margens do Igarapé dos Pannels, Altamira – PA. O RUC é uma comunidade constituída de famílias que foram realocadas entre 2015 e 2016 devido à implementação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte (UHEBM), como uma das condicionantes no processo de licenciamento ambiental da obra. Muitas dessas famílias, originárias de bairros adjacentes a rios e igarapés, exerciam a profissão de pescadoras.

A perversidade da realocação restringe o aspecto de pertencimento das crianças afetando sua identidade cultural, o percalço desse problema não prejudica somente aspectos sociais como também inviabiliza suas especificidades lúdicas e humanas (Conceição; Herrera; Carvalho, 2019).

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa participante de abordagem qualitativa, por permitir captar as experiências e percepções das crianças de maneira aprofundada, respeitando suas vozes e valorizando suas narrativas. A pesquisa participante se justifica pela necessidade de inserção das pesquisadoras no cotidiano infantil, possibilitando a construção de um conhecimento compartilhado, conforme relata Freire (2014).

Como procedimentos para a coleta de dados adotou-se observação participante, acrescida das oficinas lúdicas e rodas de conversa o que possibilitou vivenciar o cotidiano das crianças, compreendendo seu ambiente dentro do contexto individual e coletivo. A observação foi feita de forma ativa, interpretando não somente as conversas, mas também as práticas culturais, as brincadeiras e as individualidades de cada criança, entendendo sua relação com a comunidade.

Durante as oficinas lúdico-pedagógicas, que ocorreram na quadra da escola do bairro houve interação com brincadeiras e rodas de conversas, buscando perceber como eles vivenciavam sua

comunidade, suas relações sociais e movimentos cheios de performatividade, plasticidade, sociabilidade, criatividade e protagonismo. Nessas atividades, foram feitas rodas de conversa, jogos tradicionais, jogos para montar em grupo, desenhos e pinturas.

Esses momentos deram um lugar seguro para as crianças dividirem suas opiniões sobre o bairro, o rio e as mudanças na sua vida depois do reassentamento em meio às águas ou a falta dela. O uso de dinâmicas impulsionou a interação e ajudou no envolvimento permitindo observar como elas entendem e mudam seu lugar usando brincadeiras e convivência.

Os encontros com as crianças aconteceram quinzenalmente nos anos de 2022 e 2023, havendo interações diretas entre os sujeitos e as pesquisadoras. Foram atividades realizadas por meio de oficinas brincantes que abordavam questões sobre a comunidade, o igarapé, as brincadeiras, a natureza, a escola e os estudos, tais abordagens são necessárias para obtenção de uma realidade mais fidedigna. Podendo-se assim afirmar que:

O mundo da criança é muito heterogêneo, ela está em contato com várias realidades diferentes, das quais vai apreendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social. Para isso contribuem a sua família, as relações escolares, as relações de pares, as relações comunitárias e o trabalho que desempenha. (Barra e Sarmento, 2002, p. 3).

As oficinas com brincadeiras e rodas de conversa constitui-se como procedimento metodológico durante toda a pesquisa no Xingu, a opção por esse procedimento fundamenta-se na valorização da identidade e no sentimento de pertencimento (Neira, 2007; De Paula, 2022).

Corsaro (2011) menciona a importância das relações sociais entre as pessoas e afirma que as aprendizagens são coletivas e quando socialmente mediada possibilita a resolução de problemas, ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades sociais, emocionais e cognitivas necessárias para o convívio, ações colaborativas, integradas e participativas com cunho social e cultural.

Participaram da pesquisa 38 crianças da comunidade, com idades entre 9 a 10 anos e cursando o 4º ano do ensino fundamental, as atividades ocorriam na quadra de esporte da própria escola, que se localiza dentro do reassentamento, o quantitativo foi: (19 no ano de 2022) e (19 no ano de 2023) que vivenciam o impacto da realocação territorial em seu cotidiano. Ao final, os dados foram analisados, fundamentado na técnica da análise de conteúdo (Bardin, 2011). Seguindo as etapas de organização, identificação de temas centrais e interpretação dos achados.

Os principais impactos dentro do processo de realocação foram: perda dos contatos sociais, dificuldade de adaptação em uma nova moradia, impactos emocionais e psicológicos e perda da identidade cultural.

Dessa forma, o material foi sistematizado com a organização das anotações do diário de campo, a transcrição de diálogos significativos e a categorização dos registros das oficinas. Em

seguida, as informações foram agrupadas em categorias, com foco no brincar, na relação das crianças com o espaço e nas formas de apropriação do território em contexto das águas. Por fim, os dados foram analisados à luz de referenciais teóricos sobre infância, território e práticas culturais, relacionando as experiências das crianças com estudos já consolidados na área.

2. Brincadeiras infantis em territórios de águas: resultados e discussões

O envolvimento em brincadeiras é fundamental para a infância e está intrinsecamente conectado ao desenvolvimento social e cultural das crianças. Brougère (1998) destaca que a brincadeira constitui uma prática social formativa, permitindo que as crianças interpretem e redefinam seu mundo ao redor respeitando a individualidade e dignidade humana.

Conforme observado por Vygotsky (2007), a brincadeira é uma atividade que é influenciada por interações culturais e sociais, servindo como um contexto tanto para experimentação quanto para aprendizado. A noção de gramáticas sociais da infância, conforme articulada por Sarmento (2004), ilustra a maneira pela qual as crianças formulam sua própria lógica social dentro de seus ambientes, empregando a brincadeira como um meio para a redefinição do território.

Um fator pertinente adicional é a importância da brincadeira em auxiliar a inserção das crianças a ambientes desconhecidos. Gouvêa (2016) afirma que quando uma comunidade enfrenta o deslocamento, a brincadeira serve como um canal entre realidades anteriores e atuais, permitindo que as crianças reinterpretem suas experiências dentro de um novo contexto. No caso da RUC Laranjeira, onde as famílias foram reassentadas, é crucial compreender o papel da brincadeira em promover um senso de pertencimento ao novo território.

A presença de jogos durante as brincadeiras foi sendo percebida pelas crianças, o que levou as problematizar as diferenças e os conceitos envolvidos nessas práticas socioculturais, vivenciadas por elas durante as oficinas. Corsaro (2011) em seus estudos pontua que os jogos são veículos para o conhecimento tradicional, transmitido através de gerações, portanto, servem como ambientes para socialização, onde as crianças negociam significados, recriam experiências e formulam suas próprias regras. Conforme observado por Guss (2010), vários jogos são ricos em referências culturais e ecológicas, ilustrando a conexão entre comunidades e seus ambientes. Neste intuito, durante as oficinas buscamos explorar junto às crianças quais eram os jogos e brincadeiras mais usual no RUC, as evidências apontaram:

Tabela 1 - Oficinas brincantes 2022

1	Stop ou nome	17/09
2	Bom ou ruim	24/09

3	Brincadeiras populares	08/10
4	Roda de conversa	22/10
5	Troca de bilhetes com leitura	05/11
6	Oficina produtos de brinquedo	19/11
7	Observação do cotidiano e sua produção cultural	03/12
8	Mímica/Confraternização	17/12

Fonte: Elaborado pelas Autoras

As redes de saberes e fazeres das crianças no RUC são constituídas de brincadeiras e jogos que se entrelaçam em um processo contínuo de pertença e protagonismo. No contexto da Amazônia, isso é presente pois as atividades lúdicas geralmente são práticas socioculturais que envolvem rios, córregos e fauna local, remodelando assim o conceito de infância por meio de uma lente territorial e sociocultural distinta. Neste entendimento, a concepção de infância adotado nesta pesquisa envolve as múltiplas formas de experiências e de viver das crianças diversas que moram em contextos de águas, ribeirinhas, várzeas e fluviais. Essa concepção integra as particularidades sociais, culturais e ambientais desses territórios e o reconhecimento de que nesses territórios as crianças devem ser tratadas de forma heterogênea e que a partir das especificidades das infâncias as crianças tecem uma relação pessoal e coletiva com o ambiente e com suas comunidades, por vezes marcada por práticas de pescas, navegação, coleta de alimentos naturais, extração de matéria prima como argila, barro, areia, seixos e o turismo.

Na primeira oficina, por exemplo, as crianças tinham receio de falar de suas atividades e vivências do dia a dia, por ser uma experiência nova e por não conhecerem as pesquisadoras do projeto, tiveram dificuldade para se abrir e viver as atividades propostas. Entretanto, conforme se passou o tempo houve um entrosamento entre ambas as partes, cooperando para a fluência das atividades e o mapeamento das percepções infantis sobre suas infâncias.

Aos poucos mapeamos relatos de suas experiências que se configuravam através da convivência com a natureza, com as redes de apoio como escola, posto de saúde, transporte, dentre outros. Tudo isso são práticas culturais de vivências comunitárias que remete as formas como elas falam de suas infâncias, profundamente conectada com uma série de saberes, desafios, ausências e especificidades do ecossistema amazônico, onde as crianças são produtoras e agentes ativas no processo de relação com o mundo e sua vida.

A primeira oficina a ser trabalhada chama-se “Stop do nome” que condiz em uma dinâmica com uma caixa de objetos, no qual as crianças colocavam a mão sem olhar, e em seguida tinham que adivinhar o que era, se acertasse escolhia outra pessoa, se errasse teria que pagar uma “prenda”

nome popular da região para fazer algo que as outras crianças querem.

A atividade foi embalada com uma cantiga popular chamada “chicotinho queimado”, a pedido de uma das crianças participantes, quando começou a cantar todos já conheciam a letra, e cantaram juntas fazendo com que houvesse uma maior empolgação entre eles. Foi possível observar que as crianças podem experimentar infâncias distintas devido às condições sociais, econômicas e culturais, mas existe algo em comum entre elas, independentemente da infância que vivenciam, que é a capacidade criativa. Essa habilidade possibilita que a criança construa sua própria cultura lúdica, transformando o ambiente ao seu redor e compartilhando brincadeiras com outras crianças (Amorin et al., 2017).

Na segunda oficina, a interação das crianças era melhor, já estavam mais adaptadas às pesquisadoras e a rotina no projeto, fazendo com que a atividade fluísse mais naturalmente. A oficina por vez traz uma nova brincadeira chamada “bom ou ruim” no qual aborda perspectivas variadas a respeito da comunidade em que vivem. Para (Lefbrve, 1974). O espaço não é um dado, não é uma realidade passiva, ele é o resultado de um processo, e este processo se articula com os processos sociais, culturais e econômicos.

O espaço é produzido e reproduzido pelos indivíduos e pelas relações sociais. Portanto, pode-se afirmar que de certa forma a comunidade pode moldar esses sujeitos e se moldar à medida da interação social que ocorre nela. Dentro dessa visão o intuito era saber até que ponto o RUC agrega ou inviabiliza o brincar dessas crianças.

A atividade do dia foi conduzida por duas das professoras colaboradoras do projeto com o auxílio de três bolsistas. Utilizamos a dinâmica “Bom/Ruim”, na qual as crianças identificaram aspectos positivos e negativos da comunidade. Durante a conversa, destacaram como pontos positivos a convivência com amigos, a proximidade de comércios locais, a escola e as quadras esportivas. Como pontos negativos, mencionaram problemas como a falta de água em algumas áreas, queimadas na fazenda próxima e a distância da comunidade em relação ao centro da cidade, na figura 1, foi registrado esse momento:

Figura 1 - Oficina Brincante, bom ou ruim



Fonte: banco de dados do projeto (2022)

Após a discussão sobre os temas abordados pelas crianças, os mesmos representaram suas percepções por meio de desenhos, ilustrando o que consideravam bom e ruim, ao final, compartilharam suas produções, que foram registradas e recolhidas para posterior plastificação e devolução. Encerramos o encontro com um lanche coletivo, promovendo um momento de integração entre todos os participantes.

No terceiro dia de atividades, foi registrado um aumento no número de participantes, com uma média de 12 a 13 crianças, além da ampliação da equipe de apoio, contando com sete bolsistas e a presença de outras professoras integrantes do projeto. A atividade proposta foi o resgate das brincadeiras populares, realizada na quadra esportiva da escola da comunidade.

Iniciou-se o encontro reunindo as crianças em círculo para apresentar a dinâmica do dia e identificar quais brincadeiras conheciam e praticavam. Apesar do conhecimento sobre brincadeiras tradicionais, muitas crianças relataram não as praticar com frequência, seja por falta de tempo, preferência pelo celular ou restrições impostas pelos responsáveis.

Durante as conversas surgiu por parte das crianças retomamos a curiosidade sobre a origem do nome do Igarapé dos Panelas. Uma das professoras compartilhou duas teses: uma delas sugere que uma comunidade indígena habitava a região e o igarapé recebeu esse nome porque as mulheres lavavam louças no local, utilizando areia para limpar as panelas de seus usos. O tema despertou a atenção das crianças, que aproveitaram para relembrar histórias sobre a antiga fazenda que existia ali, incluindo relatos de achados de restos de animais próximo ao portão da escola.

Em meio à conversa, um grupo de macacos apareceu na mata atrás da escola, chamando a atenção de todos. Esse momento reforçou a importância da floresta e levou as crianças a refletirem novamente sobre os impactos das queimadas na fauna e na flora local.

Após essa troca de experiências, iniciou-se as atividades lúdicas. Primeiro com uma dança de aquecimento baseada em uma música sugerida por uma professora, o que gerou risadas e entusiasmo entre as crianças. Em seguida, realizou-se a corrida do saco, onde três crianças competiam por rodada e o vencedor recebia uma pequena premiação.

A segunda brincadeira foi a do ovo na colher, adaptada com bolinhas plásticas para evitar desperdício, o que gerou questionamentos e brincadeiras sobre o preço dos ovos. Dando continuidade, organizou-se equipes para uma partida de queimada e disponibilizou-se outros brinquedos e atividades, como pular corda (individual e em grupo), brincar com bambolê, ioiô e mola de mão. O objetivo central da atividade foi estimular a socialização, o trabalho em equipe, a comunicação e a vivência do ato de brincar como uma experiência essencial na infância. Observou-se que essa meta foi plenamente alcançada, evidenciada pelo envolvimento de todas as crianças e pela alegria expressa em seus rostos ao longo do encontro.

Brincar não estabelece apenas um sentimento de alegria, e sim um processo emancipador

onde decorre um sentimento de autonomia explorando sua realidade de maneira prática e interativa dentro da sua perspectiva de sujeito participante de um diálogo realista em relação ao mundo (Freire, 1996).

A terceira oficina foi iniciada com uma roda de conversa com as crianças, acompanhada de uma atividade de pintura. O objetivo foi estimular a expressão e a criatividade dos participantes, proporcionando um espaço de diálogo sobre suas vivências e percepções da infância em sua comunidade. Na figura 2 podemos perceber como foi a organização desse momento:

Figura 2 - Atividades de pintura



Fonte: banco de dados do projeto (2022)

Durante a conversa, houve incentivo para que as crianças compartilhassem suas experiências, sentimentos e opiniões sobre o ambiente em que vivem. Após esse momento de troca, foi oferecido materiais de pintura para que representassem graficamente suas reflexões.

As produções foram diversas, evidenciando tanto aspectos positivos e desafios enfrentados no cotidiano. A atividade possibilitou não apenas a manifestação artística, mas também a valorização da subjetividade e do olhar das crianças sobre seu território. Observou-se um forte engajamento dos participantes, que demonstraram entusiasmo tanto na conversa quanto na criação das pinturas. Essa vivência reforçou a importância de integrar diferentes linguagens na construção do conhecimento e na promoção da participação ativa das crianças no projeto.

A quarta oficina foi uma atividade de troca de bilhetes acompanhada de leitura. O objetivo foi estimular a escrita, a comunicação e a interação entre as crianças de forma lúdica e significativa. Iniciou-se a atividade com uma breve conversa sobre a importância da escrita como meio de expressão e troca de sentimentos, ideias e experiências. Em seguida, cada criança escreveu um bilhete que poderia conter mensagens de incentivo, relatos sobre a comunidade, o igarapé, a escola ou pequenas histórias.

Os bilhetes foram trocados entre os participantes, promovendo a curiosidade e o envolvimento na leitura. Após a troca, as crianças compartilharam suas impressões sobre os bilhetes recebidos, destacando palavras que mais chamaram sua atenção e refletindo sobre o

impacto de pequenas mensagens no dia a dia.

A atividade também contou com um momento de leitura coletiva, onde explorou-se textos curtos estimulando a interpretação e a discussão sobre os temas abordados. O exercício foi bem recebido e despertou grande interesse nos participantes, evidenciado pelo entusiasmo na escrita e na leitura dos bilhetes. Essa vivência reforçou a importância de práticas que incentivam a alfabetização, o fortalecimento dos vínculos e o desenvolvimento da comunicação escrita de maneira afetiva e interativa.

Na sexta oficina com as crianças ocorreu uma produção de brinquedos socialmente utilizados pelas crianças no RUC. A atividade começou com resistências por parte de alguns, que inicialmente não demonstraram interesse. No entanto, com incentivo e sugestões, pouco a pouco foram se envolvendo e dando vida às suas ideias.

Foi utilizado diversos materiais, como caixas de papelão, garrafas PET, tampinhas, bandejas de ovos, potes plásticos, palitos de churrasco, entre outros. Durante o processo, foi essencial acompanhar e auxiliar as crianças no manuseio de ferramentas como tesouras e cola quente, garantindo a segurança de todos. O momento foi marcado pela cooperação e pelo aprendizado sobre a importância de compartilhar recursos, como quando um perguntava: “Quem está com a cola?” Ou pedia ajuda para recortar materiais. No final, a alegria das crianças ao verem suas próprias criações foi gratificante.

Acho que o que falta, a muitos de nós, educadores, e a mim também, é imaginação. A gente tem medo de deixar a imaginação voar, mas é preciso deixá-la voar! Não voar a ponto de se perder, mas voar, imaginar coisas concretas, coisas possíveis, com as crianças (Freire; Guimarães, 1984, p. 45).

A atividade não apenas estimulou a criatividade, mas também reforçou valores como trabalho em equipe e reaproveitamento de materiais. Para encerrar o encontro, foi oferecido um lanche e depois as crianças foram acompanhadas até suas casas. Na figura 3, foi capturado esse momento:

Figura 3 - Confeção de brinquedos



Fonte: banco de dados do projeto (2022)

A imagem retrata a confecção de brinquedos estimulando a criatividade dos alunos relatando aos mesmos a essencialidade da organização e da comunicação durante a atividades. As crianças demonstraram entusiasmo e alegria ao decorrer da tarefa em grupo.

A criança procura o jogo como uma necessidade e não como uma distração [...]. É pelo jogo que a criança se revela, demonstrando as suas inclinações boas ou más, sua vocação, suas habilidades, seu caráter, tudo que ela traz latente no seu eu em formação, torna-se visível pelo jogo e pelos brinquedos que ela executa” (Kishimoto, 2014, p. 106).

Realizou-se a sétima oficina em 03 de dezembro de 2022, com as crianças. A proposta do dia era observar o cotidiano e sua produção cultural. Mesmo sem um encontro marcado, algumas crianças apareceram pontualmente, dessa forma, houve a ideia de levá-las para uma visita ao Igarapé dos Pannels A atividade foi organizada em duplas, com tempos definidos para observação. No começo, apenas duas pesquisadoras iniciaram a dinâmica, mas, aos poucos, outras crianças se juntaram, formando um grupo de cinco.

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporados nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana (Leontiev, 1978, p. 282).

No igarapé, observou-se uma cena bastante comum: um senhor pescava enquanto sua esposa cuidava de uma criança brincando na água. Houve o registro do cenário e observações em detalhes que as crianças já haviam comentado, como a água escura, possivelmente devido ao desbarrancamento das margens, como observado na figura 4:

Figura 4 - Visita Igarapé



Fonte: banco de dados do projeto (2022)

Também chamou atenção o fácil acesso ao local, com rampas, escadas e trapiches. As crianças puderam explorar o espaço antes do retorno à quadra da escola, local onde aconteceram as orientações da atividade. Depois de tanto caminhar, pode-se fazer uma pausa para o lanche. Em seguida continuou-se a observação pela comunidade, e no caminho foi possível ver algumas

crianças brincando em suas casas, algumas delas já conhecidas das nossas oficinas.

Passou-se pelo espaço destinado às atividades físicas, onde os pequenos comentaram que os aparelhos estavam bem desgastados, mas isso não os impediu de brincar um pouco. Ao lado, havia uma quadra de esportes, e algumas crianças quiseram jogar, porém não havia uma bola no momento. O calor estava intenso e já era hora de encerrar o dia. Dessa forma, foi feito o acompanhamento dos pequenos de volta para casa, e assim finalizou-se mais um encontro cheio de trocas e aprendizados.

O projeto de realocação urbana, apesar de inúmeras promessas, se mostrou vago e desproporcional. O lazer que antes era realizado em espaços livres tendo o rio Xingu como paisagem foi substituído por cimento e exclusão diminuindo nas crianças a sensação de pertencimento ao lugar afetando seu convívio social (Neto; Mendes, 2022).

Durante a oitava oficina, o encontro foi marcado por alegria e interação. A atividade principal foi uma dinâmica de mímica, que trouxe diversão e engajamento para as crianças. Entre gestos e tentativas de adivinhação, a brincadeira estimulou a criatividade, a comunicação e o trabalho em equipe, tornando o momento ainda mais especial.

Além da atividade, aproveitou-se a ocasião para realizar a confraternização do grupo, um momento de celebração e troca. As crianças receberam lembrancinhas e demonstraram grande entusiasmo. Foi gratificante ver a felicidade estampada em seus rostos, reforçando o vínculo construído ao longo do projeto. O encontro aconteceu em um ambiente acolhedor, onde cada criança pôde se sentir parte desse espaço de aprendizado e convivência. Entre risadas, brincadeiras e gestos de carinho, encerrou-se mais um ciclo com a certeza de que essas experiências deixam marcas tanto para eles quanto para a equipe.

O ano de 2023 começa com planejamento e a seleção das brincadeiras que fazem parte das vivências sociais e culturais das crianças no Xingu e refletem significados marcados por saberes da tradição e popularização de brincades que demarcam relações pessoais e coletivas em contextos de águas.

São brincades que resistem aos anos e se constituem como identidade infantil em comunidades impactadas por políticas que não ouvem as crianças e não as consideram em seus modos de vida.

A ludicidade que as brincadeiras populares desenvolvem nas crianças carregam valores sociais e educativos, estimulando assim a socialização e construindo uma identidade sólida, e construindo um senso de pertencimento ao lugar. Segundo Brougère (2010) o brincar é uma atividade elementar social da criança pois essa atividade permite melhor assimilação de suas individualidades.

Conforme observado por Dehaene (2020), o cérebro de uma criança exibe notável

plasticidade, facilitando o aprendizado rápido durante os primeiros anos de vida, com a brincadeira servindo como um componente crucial neste processo de desenvolvimento.

Tabela 2 - Oficinas brincantes 2023

1	Stop, cair no poço e passa o anel	02/09
2	Oficina pé de galinha e cantigas infantis	23/07
3	Oficina tinta invisível e pinturas com as mãos	07/10
4	Piquenique (contação de história ou teatro de fantoches)	28/10
5	Gato mia e telefone sem fio	11/11
6	Visitação aos laboratórios UFPA	08/12

Fonte: Elaborada pelas autoras (2025)

Ao tipificar essas brincadeiras, buscou-se explorar na comunidade os brincares tradicionais e suas relações com as culturas da infância. Problematizando e articulando os elementos e as interseções dos territórios.

A experiência da criança precisa compreender todo seu cotidiano dentro do direcionamento socioantropológico dentro de uma perspectiva didática sobre a sua realidade conforme relata Brandão (2015).

A criação do conhecimento está diretamente ligada no desenvolvimento da formação social, já que suas percepções devem ser observadas não somente como um condicionamento isolado, e sim na condição do conhecimento da realidade dentro das múltiplas etapas de conhecimento que decorrem na escola e comunidade (Brandão, 2015).

Neste entendimento, a primeira oficina do ano de 2023, foi o jogo "Stop" (ou "adedonha", como é conhecido em algumas regiões). As crianças montaram tabelas com categorias como nome de pessoa, cidade, fruta, cor e carro. A cada rodada, sorteavam uma letra e precisavam preencher os campos o mais rápido possível. O jogo estimulou o raciocínio rápido, a escrita e a interação entre os participantes.

Em seguida, brincaram de "Cair no Poço", um jogo que envolve socialização e empatia. Um participante de cada grupo teve os olhos vendados, após dizer "Caí no poço", o condutor da brincadeira perguntava "Quem te tira?" e a resposta era "Meu bem". A criança vendada escolhia como queria ser "resgatada" com um abraço, um aperto de mão ou outra demonstração de carinho. Essa atividade gerou muitas risadas e promoveu momentos de afetividade entre os participantes.

Outra brincadeira que fez parte do encontro foi o "Passa o Anel", demonstrada na figura 5. As crianças se organizaram em círculo, e um dos participantes recebeu o anel para passar discretamente aos demais. O desafio era enganar os colegas, enquanto um deles tentava adivinhar com quem o anel estava. Esse jogo trabalhou a concentração, a percepção e a estratégia, além de fortalecer o senso de coletividade. Essas atividades reforçaram a importância das brincadeiras tradicionais na infância, não apenas como formas de entretenimento, mas também como espaços de aprendizado, interação e construção de laços. Foi um dia rico em experiências, onde o brincar se mostrou, mais uma vez, um elemento fundamental no desenvolvimento infantil.

Figura 5 – Brincadeira Stop, cair no poço e passa o anel



Fonte: banco de dados do projeto (2022)

Para estimular o processo cognitivo, a coordenação motora, a agilidade e a memória das crianças, realizou-se uma oficina com a brincadeira "Pé de Galinha" e cantigas infantis. Durante a atividade, promoveu-se momentos de interação por meio de músicas, danças e diversas brincadeiras tradicionais, enriquecendo a experiência lúdica das crianças. Entre as brincadeiras realizadas, estavam esconde-esconde, pular corda, amarelinha, vôlei, futebol e banho de rio.

Uma das atividades que despertou bastante interesse foi a confecção do "Pé de Galinha", na qual cada criança utilizou um barbante de aproximadamente 50 cm, dobrando-o ao meio e dando um nó para formar um círculo. A partir desse formato, exploraram diferentes traçados e figuras, como estrela e o próprio pé de galinha, estimulando a criatividade e a destreza manual, como podemos ver na figura 6.

Figura 6 - Brincadeira pé de galinha



Fonte: banco de dados do projeto (2023)

Além dessas dinâmicas, observou-se brincadeiras que fazem parte do cotidiano das crianças, como "Andar de Cavalo para Prender o Gado", uma atividade rotineira em que auxiliam suas famílias no manejo dos animais, e "Brincar de Passear", quando vão à pracinha ou visitam parentes e amigos para brincar. Outra brincadeira que gerou muita diversão foi a "Pira Alta". Nela, um participante é escolhido como pegador e os demais devem subir em lugares mais altos, como degraus, bancos ou até árvores, para se proteger. O objetivo do pegador é encostar em quem estiver no chão, tornando-o o novo pegador. Essa atividade exigiu agilidade, estratégia e velocidade por parte das crianças. O encontro reforçou a importância das brincadeiras tradicionais no desenvolvimento infantil, promovendo a socialização, o exercício físico e o fortalecimento de habilidades essenciais para o crescimento das crianças.

O brincar não deve ser compreendido apenas como uma atividade simplória, esse tipo de expressão humana desenvolve nas crianças aspectos cognitivos como também amplia a expressão emocional, socialização, autonomia e controle (Dos Santos; Correa, 2021; Rocha; Almeida; Moreno, 2022).

Outra oficina realizada foi a "tinta invisível" e a "pintura com as mãos", além de brincadeiras tradicionais que exigiam raciocínio, agilidade e estratégia. Na oficina de "Tinta Invisível", as crianças misturavam água e bicarbonato para criar um desenho livre no papel. Depois, ao aplicarem uma solução de açafreão com água sobre a pintura, a "mágica" aconteceu: os desenhos antes invisíveis surgiram, despertando o encanto e a curiosidade dos pequenos.

Já na oficina de "pintura com as mãos", a proposta foi explorar cores e texturas. As crianças escolheram modelos de desenhos, como animais, e usaram tinta para carimbar suas mãos no papel. Logo após, com lápis ou canetinhas, deram os últimos retoques, criando suas próprias obras de arte. Além das oficinas, ocorreram brincadeiras coletivas que envolveram diferentes habilidades,

podendo ser vista na figura 7.

Figura 7 - Brincadeira pintura com a mãos



Fonte: banco de dados do projeto (2023)

Na "Mímica", as crianças se dividiram em equipes e tentaram adivinhar palavras ou ações apenas por meio de gestos, incentivando a expressão corporal e o trabalho em equipe. A brincadeira "Anjinho da Perna Torta" trouxe muita energia, pois os participantes, ao serem pegos, se juntavam ao pegador até que restasse apenas um jogador livre. Atividades como "Forca", que exige atenção e raciocínio, também fizeram parte do dia, desafiando os participantes a descobrirem palavras, antes que o desenho do enforcado fosse completado. Já em "Campo Minado", cada criança escolheu uma cor e precisou estar atenta para correr no momento certo, evitando ser pega pelo comandante do jogo.

O brincar é um propulsor do desenvolvimento social da criança, pois isso externaliza de modo direto sua compreensão de autonomia, que é utilizada mediante a realidade contribuindo como instrumento desenvolvedor dos meios de aprendizagem de modo lúdico impactando em sua percepção individual (Florentino; Pescador, 2022; Kreling; Kirchner, 2022; Vieira; Moreira, 2023; Martins, 2025).

Na oficina que deu origem ao piquenique, a empolgação das crianças foi especial, repleto de aprendizado, imaginação e diversão. O objetivo da atividade foi refletir sobre os saberes e dizeres das crianças que vivem em territórios de rios, furos e igarapés, proporcionando um espaço para que elas pudessem se expressar com autonomia e segurança.

Durante a contação, os olhares atentos e as reações espontâneas mostravam o envolvimento das crianças com os enredos apresentados. Além disso, o dia foi marcado por brincadeiras livres, como o futebol e as famosas "cartinhas". Essa última, originada a partir da Copa do Mundo, tornou-se uma febre entre as crianças.

O jogo, conhecido como "bafão", consiste em colecionar e trocar cartas de jogadores de diferentes times e países, seguindo regras específicas, como valores de troca e a busca por cartas

raras. O piquenique não só proporcionou momentos de diversão, mas também fortaleceu a interação entre as crianças, incentivando o diálogo, a criatividade e o senso de coletividade. A figura 8 capturou esse momento:

Figura 8 - Brincadeira "bafão", Piquenique



Fonte: banco de dados do projeto (2023)

O piquenique estabeleceu uma união prática dentro das atividades realizada, esse momento mostrou a essencialidade da socialização influenciando no desenvolvimento da autonomia de percepção de cidadão como também na estrutura humana do pensamento lúdico e crítico.

Nos encontros onde foram realizadas as brincadeiras do “Gato mia” e “Telefone sem fio”, por exemplo, as crianças já compreendiam que as brincadeiras populares são importantes referências das culturas infantis na comunidade. Ao oportunizá-las a falar sobre elas explicando as regras.

Cena 1: Na primeira, uma criança se esconde e enquanto outra tenta encontrar lá. Ao encontrar um jogador, o pegador diz "gato mia", e a criança que foi pega mia, tentando disfarçar a voz para não ser identificada. O jogo segue até que o pegador acerte a rodada.

Cena 2: Já em Telefone sem fio, as crianças formam um círculo e passam uma mensagem criada por um dos participantes até que chegue ao último, que a repetia em voz alta, para observar como a mensagem se mantinha ou se alterava durante a transmissão, estimulando o diálogo e a reflexão sobre comunicação.

Ao analisar as cenas, inferimos que essas brincadeiras fortalecem as interações entre as crianças, incentivando a colaboração e a exploração do espaço natural ao seu redor. O projeto não só promoveu a socialização, mas também aprofundou o entendimento das relações que as crianças estabelecem com o ambiente em que vivem. Na figura 9 poder ver esse momento de realização do telefone sem fio.

Figura 9 - Brincadeira telefone sem fio



Fonte: banco de dados do projeto (2023)

A última atividade foi uma visita ao laboratório de agronomia da Universidade Federal do Pará - UFPA, Campus Altamira, com o intuito de ampliar seus conhecimentos sobre o campo da ciência e sua relação com o meio ambiente.

No ato da visita, as crianças tiveram a oportunidade de explorar o ambiente de pesquisa e observar de perto os experimentos que estão sendo realizados, como o estudo de diferentes tipos de plantas e suas interações com o solo. As crianças ficaram curiosas ao aprender sobre os processos de cultivo, os cuidados com as plantas e a importância de técnicas agrícolas sustentáveis.

Os profissionais do laboratório explicaram de forma clara e didática como a agronomia contribui para a preservação dos recursos naturais e o aumento da produtividade agrícola, o que gerou muitas perguntas e discussões entre as crianças. Essa experiência foi não só educativa, mas também uma maneira de conectar as crianças com a realidade de um espaço científico, onde puderam ver na prática como os conhecimentos adquiridos em sala de aula se aplicam no mundo real. A visita ao laboratório de agronomia fortaleceu a compreensão das crianças sobre o papel da ciência na sociedade e despertou nelas o interesse por temas relacionados ao meio ambiente e à sustentabilidade. Na figura 10 registramos o encontro: A comunidade vai à universidade.

Figura 10 - Visita laboratório UFPA



Fonte: banco de dados do projeto (2023)

As oficinas foram realizadas com encontros lúdicos com o objetivo de refletir sobre como as crianças desenvolvem suas relações sociais e interagem com o espaço e a natureza ao seu redor. As atividades foram propostas para as falas infantis sobre as ausências percebidas por elas das ações políticas, violação de direitos e respeito sobre sua comunidade, natureza, transporte, moradia, água potável, saneamento básico, queimadas, poluição, as dificuldades de acesso “à rua” e tantos outros assuntos que foram externalizado nos encontros. Estimular a criatividade, o trabalho em grupo e a comunicação, por meio de jogos tradicionais que envolvem movimento e interação, promovendo um ambiente de aprendizado e diversão. De modo bem descontraído e lúdico as crianças se posicionavam, denunciaram falta de políticas públicas, expunha seus traumas, perdas familiares e outros temas que naquele momento era importante falar.

Denunciaram a poluição e o assoreamento do igarapé, o lixo nas ruas, a falta de mobilidade urbana, preconceitos, discriminação, abusos e violência infantil, mas exaltavam as construções sociais em um novo espaço urbano como as amizades, companheirismo, a panificadora da comunidade que tem pães quentinhos, a professora “maravilhosa” que segundo as crianças era um “amor! Carinhosa, meiga e gentil”.

Também tiveram relatos sobre a escola “melhor do mundo”, “legal”, “lugar de encontro e desencontros” que tem uma função social presente na comunidade, com uma quadra de esporte acessível e espaço de brincadeiras livres. Foram muitas falas de denúncias, renúncias e elogios evidenciados nas vozes infantis.

Ao todo, a pesquisa contou com a participação de 19 crianças em 2022 e 19 crianças em 2023, todas matriculadas no 4º ano do ensino fundamental em uma escola municipal localizada em um Reassentamento Urbano Coletivo (RUC) no município de Altamira-PA. As idades variam entre 8 e 11 anos, compondo um grupo diverso em experiências e interações dentro do contexto do reassentamento.

A diversidade do grupo permite uma análise aprofundada sobre as percepções das crianças em relação ao ambiente em que vivem, suas brincadeiras e a influência do espaço na construção de suas identidades.

Os relatos permitiram identificar elementos centrais sobre a construção da identidade infantil, o impacto da mudança na rotina diária e as estratégias utilizadas para ressignificar seus espaços de convivência. A seguir, serão apresentados os principais achados da pesquisa,

estruturados a partir das percepções das crianças sobre sua comunidade suas brincadeiras e interações sociais, além de uma análise comparativa entre os diferentes grupos participantes das oficinas nos anos de 2022 e 2023.

2.1 Percepção das Crianças sobre o RUC

A análise dos diálogos estabelecidos com as crianças mostram suas percepções sobre o Reassentamento Urbano Coletivo (RUC), apontando aspectos positivos e os desafios enfrentados no novo espaço. Elementos como a quadra, a pracinha, o igarapé e a padaria são mencionados como pontos positivos. No entanto, problemas como a dificuldade de transporte público, falta de água potável, queimadas e a presença de muitos carros e motos nas ruas são vistos como desafios.

As crianças destacaram que o igarapé representa uma alternativa para o calor intenso, sendo um espaço de lazer e convivência: *"Nesse calor, nada melhor que tomar um banho na água gelada"* (Dayse, 24/09/2022).

Aa crianças expressam uma percepção geográfica e socioambiental, fazendo uma relação do espaço mediante sua percepção social mencionando sua perspectiva de experiência conforme relatam Tuan, (1977) e Paiva, Lacerda (2025).

Contudo, há uma percepção ambígua sobre a qualidade da água, pois algumas crianças afirmam que o igarapé possui trechos limpos e sujos, além de áreas mais seguras para banho e outras mais profundas e perigosas. Essa divisão de opiniões sugere que, apesar de ser um espaço de lazer, existem limitações quanto à sua utilização plena. A infraestrutura da comunidade também foi discutida, com destaque para o transporte público irregular, o que impacta a mobilidade dos moradores: *"O ônibus aqui não tem hora marcada"* (Anabele, 24/09/2022). *"Quando a gente precisa do ônibus, ele não passa, a gente precisa ir de bicicleta, moto ou Uber"* (Jheniffer, 24/09/2022).

Aqui as crianças mencionam como a mobilidade no bairro é limitada, conforme referido por Santos (1996) que demonstra em seu estudo que a falta de transporte urbano de qualidade é determinante para a não inclusão dessas crianças nos espaços urbanos e conseqüentemente na sociedade.

Essas falas evidenciam como o conhecimento tradicional e a história do território são transmitidos entre gerações, mesmo que de forma oral e fragmentada. Esse aspecto reforça a importância da valorização da cultura local e da participação das crianças na construção do significado do espaço que habitam. Por fim, foi possível perceber que, apesar das dificuldades enfrentadas, as crianças demonstram um sentimento de pertencimento ao RUC. A escola, em especial, aparece como um espaço valorizado por elas: *"Essa escola aqui, vocês gostam? É boa demais!"* (Resposta coletiva, 24/09/2022). Segundo Sarmiento (2004) a infância deve ser estabelecida de acordo

com a sua própria realidade, como também em suas relações sociais e comunidade, conforme mencionado pela turma, demonstrando uma sensação de pertencimento ao lugar.

2.2 O Brincar e a Cultura Lúdica Infantil

O brincar é um elemento fundamental na infância, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, motor e social das crianças. Durante os diálogos, os participantes relataram suas brincadeiras favoritas, diferenciando entre esportes e brincadeiras populares. Entre as atividades mais mencionadas, destacam-se pega-pega, esconde-esconde, queimada, pira alta, bandeirinha e amarelinha, além de esportes como futebol, vôlei e basquete. *"Brincadeiras populares são aquelas que a gente faz no dia a dia, enquanto é criança. Até quando a gente é adulto, brinca"* (Mediadora, 2022).

As crianças também identificaram a influência da tecnologia na redução da prática das brincadeiras tradicionais, reconhecendo que muitas delas estão sendo substituídas por entretenimento digital: Porque a sociedade vai evoluindo... tem criança que vai gostando de ficar só assistindo televisão, só no videogame, só no celular. E aí, o que acontece com as brincadeiras populares? (mediadora, 2023): *Elas vão sumindo porque as crianças não vão mais brincando* (José, 2022). Entretanto, algumas crianças afirmaram que ainda mantêm o hábito de brincar em casa, na rua e na escola, reforçando a importância do resgate dessas atividades no ambiente escolar: *"A escola é importante, porque na escola a gente resgata as brincadeiras"* (Aniellen, 2022).

A brincadeira não pode ser limitada, nem subtendida como uma atividade simples, já que essa ação instiga as crianças no seu desenvolvimento pessoal e lúdico, conforme afirma Amorim (2017). Para o autor a ação do brincar é importante para a formação desse sujeito, ajudando no processo cognitivo, social e comportamental. Além do aspecto cultural, as crianças reconheceram os benefícios físicos do brincar, destacando como as atividades ajudam no desenvolvimento motor e cognitivo: *"Quando a gente brinca, exercita as pernas, o cérebro, a parte motora. Pegar, andar, pular, circular os braços, tudo isso"* (Eduarda, 2022).

Essa resposta é análoga a Rocha; Almeida; Moreno (2022) que relatam a essencialidade das brincadeiras no desenvolvimento social e motor das crianças. A conversa também abordou a relação entre o brincar e o meio ambiente. Durante a atividade, as crianças observaram macacos e pássaros próximos à escola, refletindo sobre a biodiversidade e os impactos ambientais da degradação do igarapé: *"Aqui tem muitos bichos: passarinhos, tucanos, macacos. Mas tem muita queimada. Se deixar a mata crescer, vai recuperar a margem do rio e não vamos mais ter problema com água, porque o igarapé está secando"* (Jheniffer, 2022).

O contato com a natureza cria uma relação de pertencimento da criança com o lugar, segundo De Paula (2022) a autora menciona que a criança cria vínculos dentro de sua conjectura

real, isso decorre pelo fato da criança está inserida nesse espaço social.

As interações demonstraram que, além de ser um espaço de lazer e socialização, o brincar também é uma ferramenta de aprendizado sobre cultura, meio ambiente e o próprio território das crianças.

2.3 O Igarapé dos Panelas: Memória, Uso e Significados

O Igarapé dos Panelas é um elemento central na vida das crianças do RUC Laranjeiras, sendo um espaço de lazer, brincadeiras e interação com a natureza. Durante a roda de conversa, os participantes compartilharam lembranças, experiências e diferentes hipóteses sobre a origem do nome do igarapé: "*Lá é sujo, e o nome é porque ele tinha uma aldeia indígena, né?*" (Jbeniffer, 2022). "*Minha mãe falou que era porque as mulheres lavavam panelas lá*" (Anielle, 2022). "*O José e o Kauê falaram que lá parece uma panela*" (Fernando, 2022).

As múltiplas interpretações sobre a origem do nome do igarapé demonstram como o conhecimento local é construído e transmitido por meio da oralidade, envolvendo memórias familiares e percepções das crianças sobre o espaço. Essa percepção está ligada a condição de pertencimento ao lugar de acordo com Gouvea (2016). Essa diversidade de explicações reforça a importância do igarapé como um marco cultural e ambiental da comunidade. Além da história do igarapé, as crianças relataram suas atividades no local. Entre as práticas mais comuns, destacam-se os banhos, brincadeiras e o contato com os recursos naturais.

"Banhar, pular, jogar pedrinha. A quantidade de vezes que ela bate na água é o tanto de filhos que você vai ter" (Jbeniffer, 2022).

"Dá para pescar sim, tem muito camarão, minha mãe sempre pega" (Jbeniffer, 2022).

"Tem muita argila lá, faço panelinhas, minha mãe disse que o nome do igarapé vem disso, porque faziam panela com a argila" (Iarla, 2022).

A relação da criança com a natureza é elementar no processo de aprendizado pois conduz um autoaprendizado lúdico. Carvalho e Rubiano (2015) relatam que os espaços naturais proporcionam experiências práticas que contribui para o desenvolvimento social e cognitivo da criança.

Os relatos indicam que o igarapé não é apenas um espaço de lazer, mas também um ambiente rico em recursos naturais, como argila, areia, pedra e animais aquáticos. No entanto, as crianças também reconhecem desafios e riscos, como a presença de lixo e a degradação ambiental

causada pela poluição e queimadas. *Quando tem festa na rua, as pessoas jogam vidro lá dentro, eu mexo, tiro, jogo fora*" (Luan, 2022). *"O igarapé está secando, sumindo os peixes. Se deixar a mata crescer, vai recuperar a margem do rio"* (Jheniffer, 2022).

O entendimento das crianças segue uma linha crítica sobre a degradação do igarapé. Segundo Jacobo (2003) o pensamento crítico sobre o meio ambiente deve ser aplicado, principalmente entre os jovens influenciando em uma geração empática ambientalmente.

Além do igarapé, o Rio Xingu também aparece como um espaço importante na vida das crianças, especialmente para momentos de lazer com a família: *"Eu vou sempre lá com meu pai e minha mãe. Brincamos na prainha"* (Gabriele, 2022).

A discussão sobre o igarapé revelou a forte conexão das crianças com o ambiente natural e seu papel na construção da identidade da comunidade. A escola e o projeto de pesquisa detêm de um papel fundamental no resgate e na valorização desses saberes, incentivando as crianças a refletirem sobre a preservação do local. *"A professora Celi não conhece lá, então a gente tem que dizer tudo para ela. Vamos ter que ir lá para ela conhecer"* (Iarla, 2022). Esse envolvimento demonstra como o espaço geográfico não é apenas um local físico, mas também um ambiente carregado de significados sociais, culturais e afetivos.

3 Considerações finais

A pesquisa revelou que a infância no reassentamento urbano coletivo laranjeira, em Altamira-PA, é marcada por desafios e adaptações decorrentes do deslocamento forçado causado pela construção da UHE Belo Monte. As brincadeiras e interações sociais das crianças foram fundamentais para a ressignificação de seus territórios e de suas identidades culturais, evidenciando a força das redes de saberes infantis na manutenção de práticas tradicionais. A observação participante e as oficinas lúdicas mostraram que, apesar das mudanças, as crianças seguem recriando seus espaços e experiências por meio do brincar, reafirmando seu protagonismo na construção de novos sentidos para a infância.

Dessa forma, essa pesquisa contribui para a compreensão da infância em contextos de deslocamento, reforçando a importância de políticas públicas que considerem as especificidades culturais e sociais das crianças ribeirinhas. Dessa maneira, atividades que abranjam esses sujeitos como "protagonistas" podendo ser ouvidos e instigados a refletir sobre essas perdas da cultura local são extremamente necessárias para que não se percam raízes. Alguns exemplos podem ser: feiras artesanais, teatros, entre cenas culturais que possam fazer essa conexão com o bairro, o rio, as culturas ribeirinhas e indígenas que eram muito presentes até 2011 antes da imigração de outros

povos para o município em decorrência da UHE Belo Monte. O reconhecimento de suas vozes e vivências é essencial para garantir que suas histórias, saberes e formas de brincar sejam valorizados e respeitados.

Assim, políticas públicas voltadas à infância ribeirinha devem ir além de ações assistencialistas, priorizando propostas integradas de lazer, transporte, educação e saúde, com enfoque na valorização dos saberes locais e na preservação ambiental. Experiências como a construção de praças ecológicas, a implantação de currículos contextualizados e a escuta qualificada das crianças em conselhos municipais evidenciam caminhos possíveis para garantir o direito à infância em territórios de águas.

Referências

ALVES, Laura Maria Silva Araújo. ENSAIO CARTOGRÁFICO SOBRE A INFÂNCIA: O DESAFIO DA PESQUISA COM CRIANÇAS DA AMAZÔNIA PARAENSE. **Humanidades & Inovação**: Palmas, v. 7, n 15, p. 33-49, 14 set. 2020. Mensal. Disponível em: revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3963. Acesso em: 26 dez. 2024.

AMORIM, et al. **As brincadeiras das crianças de ontem e de hoje no contexto sociocultural**. Holos. Vol.03. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRA, S. M., & SARMENTO, M. J. **Os saberes das crianças e as interações na Rede**. **Centro de Estudos da Criança** (p. 1-22). Universidade do Minho, 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Olhar o mundo e ver a criança: ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculos de cultura. **Crítica Educativa**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. p.108–132, 2015.

BROUGÈRE, G. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRITO, Angela do Céu Ubaíara; SANTANA, Ramon de Oliveira. Saberes, cuidados e educação na primeira infância: estudo etnográfico em comunidades tradicionais da Amazônia. **Educação**, v. 47, n. 1, p. 45467, 1 out. 2024. <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2024.1.45467>. Acesso em: 29 dez 2024.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura; RUBIANO, Yolanda. **Infância e natureza: a importância do mundo natural na infância**. 1. ed. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

CANÇADO, Márcia. Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 23, 1994.

CONCEIÇÃO, Ronicleici Santos da; HERRERA, José Antônio; CARVALHO, Gleiciely Barroso. A desterritorialização das crianças e dos adolescentes face à UHE Belo Monte: uma análise a partir

dos RUC São Joaquim e Laranjeiras em Altamira-PA. **Nova Revista Amazônica**, Altamira, v. 7, n. 3, p. 81-96, dez. 2019.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância-2**. Penso Editora, 2011.

DA SILVA, Júlia Heinz et al. Pesquisa etnográfica com crianças dependentes de tecnologia: tendências na produção científica brasileira. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 10, p. e451111032802-e451111032802, 2022.

DE PAULA MARTINS, Valéria. Oficinas de antropologia com crianças: imagens de uma proposta de sensibilização para a diferença. **Illuminuras**, v. 23, n. 61, 2022.

DEHAENE, Stanislas. **Como aprendemos: por que o cérebro aprende melhor do que qualquer máquina... por enquanto**. Tradução de Rogério Galindo. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2020.

DOS SANTOS, Marco Aurélio Gonçalves Nóbrega; CORREA, Elisabeth Ângela Mamede. Revisão integrativa da literatura: O brincar livre na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 9, p. 945-964, 2021.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Sobre a Educação: diálogos**. v. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014.

FLORENTINO, Rosely Zanata; PESCADOR, Luciane Fátima. Reflexões sobre o ato de brincar livre ou dirigido na educação infantil. **Revista Interação Interdisciplinar** (ISSN: 2526-9550), v. 1, n. 2, p. 192-202, 2022

GOUVÊA, Rosa. Infância, deslocamentos e territórios: o brincar como ressignificação espacial. 2016. **Tese (Doutorado em Educação)** – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

GUSS, David M. **The Festive State: Race, Ethnicity, and Nationalism as Cultural Performance**. Berkeley: University of California Press, 2010.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 118, p. 189-205, 2003.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KRELING, Bruna; KIRCHNER, Elenice Ana. O melhor lugar para estar e brincar: a natureza. **Revista Saberes e Sabores Educacionais**, v. 9, p. 67-85, 2022.

LEFEBVRE, Henri et al. La producción del espacio. **Papers: revista de sociología**, p. 219-229, 1974.

LEONTIEV, A. N. Os Princípios Psicológicos da Brincadeira Pré-escolar. In: Vigotskii, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2001. 228 p.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006.

MAINARDES, Jefferson. Pesquisa etnográfica: elementos essenciais. **Pesquisa social: reflexões teóricas e metodológicas**. Ponta Grossa: Todapalavra, p. 99-123, 2009.

MARTINS, Bianca Silva. Um Olhar para o Brincar no Desenvolvimento Integral da Criança. **Revista Educação e Humanidades**, v. 6, n. 1, p. 455-462, 2025.

MIRANDA NETO, José Queiroz de; MENDES, Francivaldo **José da Conceição**. Uma década da usina de Belo Monte: habitação, lazer e (re)existências. Altamira: Panamazônica Editora, 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. Valorização das identidades: a cultura corporal popular como conteúdo do currículo da Educação Física. **Motriz Revista de Educação Física**, p. 174-180, 2007.

PAIVA, Juliana Dias Coelho; LACERDA, Andressa Elisa. Entre os Sons da Cidade, há Vozes de Crianças: uma reflexão sobre bairros a partir da escola. **Revista Educação Geográfica em Foco**, v. 1, n. 16, 2025.

VIEIRA, Gabriele Aparecida Barbosa; MOREIRA, Cristina Alves; LIMA, Brenda Caroline Rezende. Educação infantil. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, v. 15, n. 3, 2023.

ROCHA, Maria Celeste; ALMEIDA, Felipe Quintão; MORENO, Alberto. Teorizações sobre o Brincar e o Se-movimentar da criança: implicações para a prática pedagógica da Educação Física na Educação Infantil e outras problematizações. **Pro-Posições**, v. 33, p. e20200139, 2022.

SARMENTO, Manuel J. **As crianças e a infância: definições e tipologias**. In: SARMENTO, Manuel J.; PINTO, Manuel J. (Orgs.). As crianças como sujeitos sociais. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2004. p. 11-35.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place: the perspective of experience**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.